

Sustentabilidade, população e segurança são os pontos fortes destacados por Atilio Forte

“À semelhança do que foi a Madeira no século XX, os Açores no século XXI podem ser o farol que ilumine bem o turismo nacional”

Atilio Forte, turismólogo, analista, consultor turístico, professor do ensino superior e ex-presidente da Confederação do Turismo de Portugal tem uma visão global do Turismo dos Açores, porque, como diz, embora esteja fora da região “acabo de estar dentro, vivo em Portugal e procuro estar atento àquilo que é a realidade do fenómeno turístico nas diferentes regiões do país. O Turismo dos Açores está bem e recomenda-se até porque tem um activo muito grande que são os próprios açorianos”.

Em entrevista, à margem de um encontro na ilha de São Jorge das Casas Açorianas - Associação de Turismo em Espaço Rural, onde foi orador, apesar de ter havido nos últimos anos um aumento significativo da construção e/ou revitalização da habitação para acolher o turismo, não mostra preocupação com este crescendo porque “os Açores dão-me algumas garantias, quer por parte das entidades públicas quer por parte dos investidores, dos empresários, que até agora têm sabido dosar este desenvolvimento e este progresso nunca pondo em causa aquilo que é o essencial que é garantir a sustentabilidade. Não só a ecológica e ambiental, mas também a económica e social. Portanto, se se mantiver este princípio - creio que não há razão para que ele mude”, defendendo ser natural que “com a dinâmica do Destino Açores, haja mais alguma construção, até porque não nos podemos esquecer que há níveis de desenvolvimento diferentes entre as diversas ilhas, entre as nove ilhas. Temos algumas que, até porque por via das acessibilidades, por serem portas de entrada se foram desenvolvendo mais, mas há outras que começam também a beneficiar desse desenvolvimento. No turismo só há vasos comunicantes - tudo está ligado a tudo - e, por outro lado, também começam a saber evidenciar as suas diferenças. E depois dessa complementaridade, obviamente que quando chega ao domínio do consumidor, da procura, acaba por produzir os seus efeitos”.

Atilio Forte diz não encontrar “algum perigo ou alguma bandeira vermelha” no turismo açoriano, até porque “à semelhança daquilo que a Madeira fez em parte foi no século XX, os Açores no século XXI podem ser um farol que ilumine bem o restante turismo nacional exactamente pela capacidade de contenção de gerir aquilo que é o património de todos”.

Agora, sublinha, “tudo isto é verdade, mas daqui a cinco minutos tudo pode mudar, porque hoje em dia não sabemos quem tem o poder de decisão no mundo, não interessa se certo se errado, mas há problemas sobre os quais vai ter que decidir e que acabam por impactar nas nossas vidas, nas nossas economias e, portanto, o turismo obviamente, acaba por se reflectir e por ver o reflexo de tudo isso”.

Atilio Forte diz que a estratégia turística dos Açores é forte, ao contrário do que muitos aventam, “não está assente em fragilidades”. Até porque, como recorda, até chegar ao nível em que está a região foi ultrapassando várias etapas. “Ou seja, nós tivemos até sensivelmente meados da década de 90 um desenvolvimento muito ténue do turismo dos Açores; depois progressivamente começaram a aparecer alguns eventos, começou a aparecer algum tráfego turístico, começou a haver programação bastante regular e com alguma di-



Atilio Forte, analista, consultor e ex-presidente da Confederação do Turismo de Portugal

menção por parte de operadores, nomeadamente operadores turísticos nacionais que passavam a enviar clientes para os Açores. Depois, acabou-se com a questão do monopólio da TAP e apareceu a SATA e tudo isso veio dinamizar. Depois, em meados da segunda década deste século, tivemos a liberalização do transporte aéreo e isso, então, permitiu aos Açores descolar, já que estamos a falar de acessibilidades.

Para além desta evolução, importa realçar, segundo o professor, um ponto muito positivo que os Açores têm sabido manter. Fala da contenção “não na questão do desenvolvimento turístico, mas na carga turística que pretendem captar. Isso é bom. Mostra que os Açores estão atentos ao produto que têm para oferecer, muito baseada na natureza, na sustentabilidade, na ecologia, no ambiente. E, por outro lado, essa contenção tem motivado a que não se entre numa dinâmica promocional nos mercados tão agressiva quanto aquilo que é visível com outros destinos e que depois tem outro tipo de consequências”. Contudo, realça o analista facto do percurso feito pela região não ser muito rápido, mas sim “atento às características do próprio destino dos Açores, e, creio, têm tido um êxito assinalável, aliás os números comprovam e testemunham isso melhor do que eu”.

Segurança é fundamental e existe

Para além da panóplia de factores positivos, acresce um ponto muito importante nos dias que correm. “Os Açores oferecem segurança. Aliás, é bom que mantenham essa segurança porque, por exemplo - já tive a oportunidade de falar dele inúmeras vezes-, vejo com muita preocupação o facto de estarmos a passar uma imagem para o estrangeiro, de insegurança, quando Portugal é um dos países mais seguros do mundo e quando todos relatórios dizem que a criminalidade está a descer”.

Agora, também há uma coisa que chama atenção, sublinha Atilio Forte, para referir que quando alamos de segurança, há uma causa e efeito que se liga, segurança e criminalidade. Eu não concordo com isso. Agora falando em termos do destino de Portugal, para algum tipo de consumidor que é informado, sabe que vem a Portugal e dentro de Portugal pode vir aos Açores, mas pode ir ao Norte, pode ir ao Algarve. Para ele é Portugal. Por isso, é importante salvaguardar os destinos. Porque quando um consumidor ouve dizer que as urgências hospitalares estão fechadas ao fim de semana em Portugal, ele não sabe ouve se são as de obstetria, se é de qualquer outra especialidade. Ora quando vamos de viagem, estamos fora do nosso habitat, estamos desenraizados, obviamente que nenhum de nós quer ir para um destino e precisar de um médico, por acidente ou outra razão, saiba que os hospitais estão fechados, as urgências estão fechadas. Se calhar o melhor é não ir, vou para outro destino.

Ou, como se tem vindo a verificar, e eu infelizmente já tive que baptizar esta época, chamo-lhe época dos fogos que coincide com a nossa época alta turística que é invariavelmente ano após ano e como se vê e provou-se com o Covid que tivemos muito menos incêndios. Porquê? Porque há intervenção humana. Eu não estou a discutir se é criminosa, não é criminosa, estou a discutir que o ser humano acaba por despoletar esta situação. Isto tem a ver com segurança. Porque com as alterações climáticas, sabendo nós que há muito maior propensão para incêndios, ninguém quer ir para um destino, que será de lazer e de recarregar baterias, possa ser posto em causa por um problema. Ninguém quer ter férias estragadas ou receios.

Lembra ainda o analista que “tivemos na década passada a questão dos atentados terroristas, mas hoje em dia nós temos, por exemplo, as catástrofes naturais. E repare, quando se fala muito so-

bre determinada coisa, e eu sei que se tem que dar cobertura noticiosa, o excesso alimenta-se. Por exemplo, antigamente havia mais criminalidade e nós sabíamos, mas agora alguém que foi morto ou que houve um assalto violento ou uma violação, fica-se dias a comentar, a marinar a dar mais informação, a saber todos os detalhes. Se é verdade que as pessoas têm do direito de ter o acesso a toda a informação, não menos verdade é que tem que haver alguma razoabilidade e alguma ponderação. Estarmos a dar armas à concorrência. Hoje em dia a competição pelos fluxos turísticos a nível mundial é feroz. E aqui nós também tiramos proveito da desgraça alheia - não são só os outros. Agora, obviamente que os nossos concorrentes quando dizem, ‘ah, há algum problema de saúde’, eles vão empolar esse problema ou fazer com que esse problema seja mais falado. Porquê? Porque sabem que as pessoas ficam com algum receio e que, portanto, vão desviar as suas atenções para outro lado. E isso, obviamente, é mau.

Portanto, Portugal é, de facto, seguro, mas tem que começar a saber lidar com mais inteligência, sem ferir nem o direito à informação e à divulgação das coisas, mas também não prejudicando, não se auto-flagelando. Tem que começar a gerir melhor este tipo de situações e, obviamente, isso quando se fala em Portugal no todo, depois mais ou menos directamente, todos somos afectados”.

A nível nacional, há muito tempo que se começou com a taxa turística, nos Açores algumas autarquias já começaram e, a nível regional, a taxa turística foi chumbada porque os partidos acabam por entender que não está na hora. Sobre isso, Atilio Forte diz que tem uma “opinião muito clara”, assumindo que desde que “tive funções onde tinha uma intervenção, para além da minha cidadania que tenho agora, jamais aceitei, e os meus colegas que me acompanhavam nos diversos órgãos produtivos, jamais aceitei as taxas turísticas. Eu sou total e frontalmente contra as taxas turísticas e mais uma vez acho que aqui os Açores ainda há pouco tempo deram esse exemplo ao chumbarem essa aplicação das taxas turísticas e explico por uma razão muito simples ou dando dois argumentos distintos para se compensarem. A primeira situação é que o turismo enquanto actividade económica é de todas as áreas da economia - atenta que é uma actividade muito transversal muito pluridisciplinar - aquela que gera mais efeitos multiplicadores em todas as demais; desde a agricultura à construção, enfim, todos nós percebemos isso. Ou seja, pelo simples facto de haver turismo, isso quer dizer que o turista para vir tem que ter como chegar, mas depois tem que ter onde ficar, o hotel tem que ser construído, depois tem que se lhe dar de comer, é preciso os têxteis para a cama, enfim. Isto é uma bola de neve do ponto de vista económico.

No caso mesmo das próprias cidades, os concelhos que levam com a carga turista têm que estar preparados, pois um turista quando vem não faz apenas consumo turístico, consome e promove desde a agricultura ao comércio que vende o souvenir. E, portanto, como nós vimos na pandemia, cria-se aqui toda uma dinâmica económica que depois o Estado, quer a nível central, quer a nível regional, quer a nível local, colhe o dividendo fruto dos impostos que as empresas pagam e que

“A taxa turística é uma extorsão”, garante Atílio Forte saudando os Açores por não seguirem este caminho

todos nós pagamos enquanto cidadãos”.

Portanto, acrescenta o analista, “cria-se emprego... Ou seja, há aqui um efeito de bola de neve que, por si só, já devia desonerar o turista de pagar esse imposto porque isto não é mais nem menos do que um imposto. A boa gestão pública devia-se aproveitar este benefício económico e daí saber tirar, que dá dividendos óbvios, e, a partir daí dimensionar as cidades; obviamente que se têm mais turistas, têm que ter mais recolha de lixo, têm que ter mais serviços de saúde, têm que ter mais cuidados concluídos, têm que ter os jardins mais arranjados (...) Mas tem uma vantagem que, como eu gosto muito de dizer, aquilo que é bom para os turistas é igualmente bom para quem reside”. Porquê? “Porque se os jardins e os espaços públicos estiverem mais arranjados, quem reside também beneficia. Se houver melhor sistema de recolha de lixo, quem reside beneficia. Se houver melhor sistema de saúde, melhores estradas, mais transportes públicos, é bom para os residentes, logo também é bom para os turistas. E o que nós queremos é gente satisfeita como nós somos em Portugal, e os Açores são em particular, gente que acolhe bem”. Portanto, esta é, por um lado, “uma situação que deve ser devidamente pensada e reflectida e isso quer dizer que não se deve aplicar as taxas turísticas. Por outro lado, a taxa turística é vista muito, e peço desculpa se calhar de alguma frontalidade com a expressão, como uma extorsão e uma procura por dinheiro fácil, muitas das vezes para resolver incompetências e incapacidades de gestão, nomeadamente a nível autárquico. E nós não nos podemos esquecer que, às vezes fala-se



‘ah, mas isto são só alguns euros’, mas são alguns euros por cada noite, por cada pessoa, e depois isto tem um efeito multiplicador. Ora, hoje em dia nós competimos e o preço é um factor de competição”. Depois, diz Atílio Forte, “nós não nos podemos esquecer que estamos a criar um imposto em alguém que não vota, que não escolhe, e que vem cá a gastar seu dinheiro, mas que pode gastar o seu dinheiro em qualquer outra parte do mundo. Se é verdade que nós às vezes estamos a taxar e dizemos ‘Ah, mas há outros sítios há outras cidades que também o fazem’. Pois, mas se calhar nós do ponto de vista turístico não estamos com os problemas que os outros tiveram e que os levaram a aplicar essa taxa. Vamos lá ver, Portugal

hoje em dia, fruto do trabalho de todos, públicos e privados - mesmo com estas críticas que se fazem, felizmente nós estamos muito bem, e, portanto, a crítica tem que ser entendida do ponto de vista construtivo e neste sentido -, Portugal é hoje uma potência turística mundial, mas não compete sozinho a competição é global, verdadeiramente global”.

Mais. “A taxa turística é errada e eu não a defendo de forma alguma. Porque a vantagem económica que turismo cria é tão mais superior do que esse valor. E acho que esse valor, enfim, é criar aqui um imposto - porque é um imposto, as taxas taxinhas, porque nós temos taxas taxinhas, nós nisso temos também uma mente muito cria-

tiva em Portugal para fazer essas coisas. Eu acho que isso é profundamente errado até porque isso pode ser usado como uma arma a nosso favor. Agora, aquilo que nós queremos é que haja mais transportes públicos. Por exemplo, agora Lisboa vai querer condicionar os transportes públicos e vai querer, por exemplo, colocar uma medida que tem a ver com, na Carris algumas das carreiras da Carris, nomeadamente os funiculares e tudo isso, vão passar a ter duas filas: uma fila para quem usa os transportes públicos diariamente, porque reside ou trabalha na cidade e outro para turistas. Mas depois, quando nós vamos ver verdadeiramente aquilo que se passa, esta segregação não é feita assim. As duas filas são: uma para quem tem passe e outra para quem não tem. Isto não faz qualquer sentido. Agora, imagine (a senhora é jornalista) o que é uma reportagem em qualquer país do mundo a passar e Portugal com duas filas? Eu não vi isto em lado nenhum, mas é isto que se está a querer fazer. Eu acho que isso deve-se pensar bem. Eu não ponho o princípio em causa, que é, ‘bom, mas quem trabalha não pode ficar horas nas filas nas horas de ponta’ eu percebo isso, mas se calhar passaria por arranjar mais meios de transporte, por otimizar os transportes públicos. É mais difícil do que criar duas filas? É., mas pelo menos não é alvo de tão grande chacota. Eu acho que uma medida desta natureza não lembra a ninguém, mas é isto que temos”. Portanto, o melhor é cuidar do que se tem e que possa agradar a quem nos visita e a quem reside e neste aspecto “os Açores estão a ser um exemplo”.

Nélia Câmara/DC

Pub.

RESTAURANTE DA ASSOCIAÇÃO AGRÍCOLA

Faça já a sua
RÉSERVA

RESERVAS POR TELEFONE

[f](#) [@](#) /RESTAURANTEAASM
WWW.RESTAURANTEAASM.COM

296 490 001 / 925 248 307 / 926 385 995

ABERTO TODOS OS DIAS
12:00 ÀS 22:00